

*Maria Cora, de  
Machado de Assis, e o  
primado da vontade  
sobre o intelecto em  
Arthur Schopenhauer*

*Maria Cora, by Machado De Assis, and the supremacy of  
will over intellect in Arthur Schopenhauer's Philosophy*

---

**Allan Alves de Souza**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**RESUMO:** Este artigo pretende analisar os tormentos psíquicos do protagonista de *Maria Cora* (1906), de Machado de Assis, a partir da ótica da filosofia de Arthur Schopenhauer. Exímio leitor do filósofo alemão e criador de uma literatura que suporta investigação filosófica, analisaremos de que forma os aspectos implícitos no sofrimento da personagem poderiam ser transpostos à literatura machadiana por meio das reflexões metafísicas e psicológicas de Schopenhauer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; Arthur Schopenhauer; filosofia e literatura.

**ABSTRACT:** This article claims to analyze the psychological torments of the protagonist of *Maria Cora* (1906), by Machado de Assis, great reader of Arthur Schopenhauer and creator of a literature that supports philosophical investigation, from the perspective of Arthur Schopenhauer's philosophy. We will analyze how the implicit aspects of the character's suffering could be transposed to Machado's literature through Schopenhauer metaphysical and psychological reflections.

**KEYWORDS:** Machado de Assis; Arthur Schopenhauer; philosophy and literature.

*Que a evolução natural das coisas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará; mas há alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e Lord Byron, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos.*

Machado de Assis

*Em geral, os sábios de todos os tempos disseram sempre o mesmo, e os tolos, isto é, a imensa maioria de todos os tempos, sempre fizeram o mesmo, ou seja, o contrário; e assim continuará a ser.*

Arthur Schopenhauer

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A narrativa de *Maria Cora*, de Machado de Assis, foi publicada originalmente no jornal *A estação*<sup>1</sup>, sendo depois republicada, com alguns ajustes, em *Relíquias de casa velha* (1906). Durante toda a trajetória de Machado, seus contos funcionaram como um laboratório ficcional em que o autor pôde experimentar sobremaneira as intertextualidades possíveis. Segundo Afrânio Coutinho, “o conto foi a dura escola que se exercitou para atin-

---

<sup>1</sup> “Diferente do primeiro conto, *Maria Cora* ganhara uma primeira versão sob o título *Relógio parado*, em 1898. Além da mudança do título, a versão publicada no livro modificava também o nome da protagonista, que era Maria Rita, e no livro passou a se chamar Maria Cora. O conto foi publicado no suplemento literário do jornal *A estação*, entre os dias 15 e 30 de todos os meses de janeiro, fevereiro e março, com exceção do dia 15 de fevereiro, que não teve o conto publicado”. (MORAES, 2010, p. 189)

gir a maturidade do método que seria o seu, subordinando a narrativa à análise de caracteres” (COUTINHO, 1966, p. 65). São muito conhecidas, principalmente nos romances machadianos, as características filosóficas de suas narrativas. No entanto, não há pesquisas sistemáticas que se debrucem sobre aspectos filosóficos da literatura machadiana no horizonte dos contos. Dada esta ausência de análises, nossa pesquisa compreende uma proposta inicial de investigação da filosofia presente em seu gênero literário mais profícuo. Tal estudo nos encaminha à compreensão da própria referida coletânea, funcionando também como objeto introdutório para o entendimento de seu universo filosófico. Por ser sua última compilação, lançada já ao final de sua vida, a narrativa expressa a fase mais madura do autor, em que a visão fatigada do espírito transmuta sob sua pena a essência humana em sua eterna contradição:

A obra *Relíquias da casa velha*, ao apresentar contos cujo tema é a existência humana marcada pela oposição entre a essência do ser humano, seus desejos e anseios, e a aparência desse mesmo ser, sujeito às regras sociais que o impelem a negar o seu interior, aponta para uma unidade temática que se revela na oposição entre o enunciado e a enunciação. O indivíduo, no enunciado, desponta como sujeito do querer ser, do dever ser, do poder ser integrado à sociedade a que pertence, submetendo-se às suas normas. Na enunciação, emerge a sujeição do indivíduo a vontades, a desejos próprios e à constante busca para realizá-los. (NASSER, 2010, p. 1096)

No entanto, que filosofia seria esta? Nosso estudo converge para dois elementos: o primeiro é o da concepção do “eu” machadiano que, representada no conto, é construída através da perspectiva do entendimento entre o sujeito e o mundo. A apreensão que o sujeito, como personagem, realiza dos fenômenos do mundo, compreendendo-os e interpretando-os a partir de si, é uma das causas da relação entre o dizível e o indizível na estética li-

terária machadiana<sup>2</sup>. Tratada sob o prisma da galhofa, a perspectiva entre o sujeito e o objeto dita o entendimento do narrador – que nem sempre confere condição de verdade ao ocorrido. O segundo elemento, restrito à narrativa do conto, diz respeito à forma como os tormentos psicológicos das personagens representariam similaridades com o pensamento de Schopenhauer, um dos filósofos mais apreciados por Machado. Durante toda sua maturidade, Machado foi um ávido leitor do filósofo<sup>3</sup>, tendo relatado o interesse por ele mesmo ao final da vida<sup>4</sup>. Inúmeros autores indicaram a aproximação entre literato e filósofo por meio de um suposto pessimismo característico a ambos. No entanto, nosso estudo concentra-se no próprio aspecto da estilística literária machadiana. Investigaremos como o eu machadiano, representado no conto, seria símile da condição do sujeito schopenhaueriano sob a ótica da primazia da vontade. No conto, a psique das personagens é sujeita a anelos que os influenciam sem arbítrio, colo-

---

2 Antônio Candido afirma que “muitos dos seus contos e alguns dos seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos. E o mais picante é o estilo guindado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode parecer academismo, de outro sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor”. (1995, p. 22)

3 Alguns exemplares dos livros de Schopenhauer que Machado de Assis possuía em sua biblioteca pessoal: “*Aphorismen zur Lebensweisheit von (...) Sepaatausgabe aus ‘Parerga und Paralipomena’*. Erstes Bänden. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1886; *Aphorismes sur la sagesse dans la vie par (...)*. Traduit en français pour la première fois par J. A. Cantacuzène. Paris, 1880; *Ecrivains et style par (...)* Paris, Félix Alcan. 1905; *Essai sur le libre arbitre par (...)*, Traduit en français pour la première fois, Paris, 1880. *Le monde comme volonté et comme représentation*, Traduit en français pour pour la première fois par J. A. Cantacuzène. Paris, 1880. Além de estudos de Théodule Ribot sobre Schopenhauer: *La philosophie de Schopenhauer par (...)*. Ed. 1874 (Paris: Félix Alcan) e 1900 (Paris: Librairie Germer Baillière)”. Cf. MASSA, 2001, p. 73, passim.

4 “A 6 de agosto de 1908, após a publicação do *Memorial* e a menos de dois meses da morte, Machado externa ainda, em carta dirigida a Mario de Alencar, outro amigo diletíssimo, o seu interesse pelo filósofo do *Mundo como vontade e representação*: ‘Desculpe o desalinho da carta. Estou passando a noite a jogar paciências; o dia, passeio-o a reler a Oração sobre a Acrópole, e um livro de Schopenhauer’”. (PIMENTEL, 1974, p. 37)

cando em dúvida a própria racionalidade do narrador ou a de outras personagens. A leitura destes dois elementos é condição *sine qua non* à nossa argumentação de Machado como epígono desta filosofia. Todavia, nossa proposta não é a de restringir a possibilidade de reflexão da literatura para uma única vertente do pensamento filosófico. Apesar da investigação das influências do autor-matriz<sup>5</sup> da literatura brasileira ser tema de intensos debates, consideramos, seguindo a proposição de Afrânio Coutinho, que “a influência verdadeira é antes um encontro que uma filiação. O estado de espírito já existia antes do encontro, de modo latente, e não teria sido diferente sem ele” (1966, p. 65)<sup>6</sup>. Ou seja, é sabido que o autor produziu sua literatura com interlocuções com o pensamento filosófico – mesmo que, pessoalmente, não tenha aderido a nenhum. Sendo a literatura uma forma de conhecimento do mundo, Machado também se configuraria como gerador de ideias:

Muitos literatos-filósofos, dentre os quais podemos incluir Machado de Assis, foram capazes de produzir obras que expressam algumas das mais relevantes intuições filosóficas de nossa história cultural. A literatura preencheu a seu modo a lacuna deixada pela filosofia, criando operadores conceituais e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento, produzindo autênticas expressões de uma reflexão filosófica de caráter original. (SANTOS, 2015, p. 39)

---

5 Conceito apresentado por João Cezar de Castro Rocha em *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. “O autor-matriz é aquele cuja obra, pela própria complexidade, autoriza a pluralidade de leituras críticas, pois elementos diversos de seu texto estimulam abordagens teóricas diferentes. (...) Pela riqueza de seus textos, que se traduz na multiplicidade de possibilidades interpretativas, o autor-matriz favorece o surgimento de querelas hermenêuticas em metodológicas.” (ROCHA, 2013, p. 25)

6 Afrânio Coutinho aponta: “A Influência jamais constituiu motivo de inferioridade. Um escrito que se identifica com outro, ou com outros, por uma questão de igualdade de temperamento ou concepção de vida, ou de semelhança de experiência e família espiritual, pode perfeitamente conservar a zona de independência e originalidade, pode contribuir para uma nota inconfundível e específica, que justamente fundamentará a sua mensagem e o situará nos quadros literários”. (COUTINHO, 1966, p. 64)

De outro modo, se a investigação do substrato filosófico na narrativa machadiana poderá não compreender toda a amplitude de sua literatura, tampouco sem ela poderemos compreendê-la: “filosofia e arte são irmãs gêmeas, mas falam línguas diversas: o máximo que se pode esperar é que a primeira nos auxilie a compreender a segunda” (REALE, 1982, p. 10).

### **MARIA CORA E O PRIMADO DO QUERER**

A narrativa de *Maria Cora* ocorre no Rio de Janeiro de 1893. Correia, solteirão de quarenta anos, dotado de educação e, se não ascético no correto sentido da palavra, era dado ao autocontrole: “o celibato era a minha alma, a minha vocação, o meu costume, a minha única ventura (...)” (ASSIS, 1906, p. 2). Encontra Maria Cora por meio de conhecidos em comum: “Era uma criatura morena, robusta, vinte e oito a trinta anos, vestida de escuro; entrou às dez horas, acompanhada de uma tia velha” (ASSIS, 1906, p. 2). Correia descobre que Maria Cora é casada, embora vivesse uma relação problemática com o marido, quem estava em combate nas revoltas do Rio Grande do Sul. Sem demora, Correia gradualmente é tomado por impetuosa paixão. A partir disso, tem-se o início de seu idílio que, por meio do entorpecimento do querer, transforma seu sereno estado de espírito em uma constante inquietação: “dei-me a andar atrás de Maria Cora. Não digo que uma força violenta me levasse já, mas não posso esconder que cedia a qualquer impulso de curiosidade e desejo” (ASSIS, 1906, p. 3). Ele parte em desvario, de forma angustiada e eufórica, para a tragédia evidente: muda completamente de vida, indo combater junto à Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, e assassina João da Fonseca, marido de Maria Cora, pelo desejo de fazê-la viúva e desposá-la.

Contudo, o gradual desvario que acomete Correia inicia-se no cenário de sua declaração à Maria Cora. No ato da confissão, ela relata que ain-

da é casada, embora esteja apaixonada por Correia. Apesar disso, Correia propõe, então, o assassinato de João da Fonseca, recebendo uma imprecisa resposta de Maria Cora:

– Bem, mas eu sou uma senhora casada, e nem por estar separada do meu marido deixo de estar casada. O senhor ama-me, não é? Suponha, pelo melhor, que eu também o amo; nem por isso deixo de estar casada.

– Imagine que lhe proponho ir combater contra seu marido, matá-lo e voltar, disse eu cada vez mais tonto.

– Propõe isto?

– Imagine.

– Não creio que ninguém me ame com tal força, concluiu sorrindo. Olhe, que estão reparando em nós.

Dizendo isto, separou-se de mim, e foi ter com a tia e o poeta. (ASSIS, 1906, p. 11)

O subterfúgio narrativo não determina se Correia percorreu sua aventura obtendo uma real confissão de amor, ou se tudo fora fruto de sua própria interpretação da realidade. Esta imprecisão dos fatos compreende uma característica condicional do eu na estética literária machadiana. A imprecisa intelecção apresenta-nos um sujeito sob a primazia do ímpeto de suas tentações, sob o véu dos desejos perante seu senso. A todo momento, o personagem detalha sua desorientação frente ao querer<sup>7</sup>. Seu trágico destino é retratado pela ironia fúnebre, coberta pelo pessimismo em relação aos desvarios das paixões humanas.

---

7 Machado segue a descrição: “A paixão cresceu rápida e forte. Afinal senti-me tão tomado dela que não pude mais guardá-la comigo. (...) Passei mal a noite; não pude dormir mais de duas horas, aos pedaços, e antes das cinco estava em pé”. (1906, p. 8)

## O “EU” DE SCHOPENHAUER E O “EU” DE MACHADO

A condição da considerada “fase madura” machadiana é análoga à consciência herdada do *Zeitgeist* presente também no pensamento de Schopenhauer. Machado aprimorou seu estilo sob as ruínas da consciência do romantismo. Exímio leitor da filosofia alemã<sup>8</sup>, soube compreender amplamente as vicissitudes de um século filosófico. Ademais, o substrato filosófico de sua literatura compreende, em parte, as incomensuráveis técnicas de estilo que alicerçaram suas narrativas, dentre elas a famigerada perspectiva da contemplação machadiana, fruto de inúmeras teses sobre o olhar em sua literatura<sup>9</sup>. A perspectiva que o sujeito realiza, em seu entendimento do mundo, contribui com a produção desta estética realista, posto que tal interpretação se aproxima do real, uma vez que no mundo estamos sujeitos a interpretações que dependem, antes de tudo, da própria construção psicológica do sujeito. Isto é, o eu machadiano está sempre refém de si, de diálogos interiores que o imiscuem em seu entendimento do mundo.

---

8 Antônio Fonseca Pimentel discorre sobre o tardio interesse de Machado pela cultura alemã, em que o autor inicia seus estudos nessa língua por volta dos quarenta anos, com receio de ficar *démodé* perante uma filosofia que obteve grande presença no século XIX. “Em face de toda aquela efervescência em torno da filosofia alemã, da cultura alemã, do idioma alemão, é provável que Machado de Assis se tenha dado conta – talvez mesmo com alguma ansiedade ou até dramaticidade – de que haveria uma séria lacuna em sua formação cultural, que urgia preencher. E provavelmente não terá sido mero acaso que o ano em que decidiu estudar a língua de Heine, 1883, seja exatamente o mesmo ano em que apareciam em volume no Recife os citados Estudos alemães (...)”. (PIMENTEL, 1974, p. 17)

A mesma concepção da importância da filosofia para o século foi tratada por Schopenhauer: “pois hoje em dia quem não quiser permanecer tosco nos principais assuntos e ser computado na massa obtusa imersa na insensatez tem de estudar filosofia especulativa, porque o nosso século XIX é um século filosófico”. (SCHOPENHAUER, 2013, p. 54)

9 Dois autores que tratam sobre a perspectiva do olhar em Machado de Assis foram Sylvio Abreu Fialho em *O mundo dos olhos: de Machado de Assis a Guimarães Rosa*, publicado pela Livraria São José: Rio de Janeiro, 1975; e Alfredo Bosi, em *Machado de Assis – O enigma do olhar*, publicado pela editora Ática: São Paulo, 2003. (N.A)

Schopenhauer estabelece seu pensamento a partir dos conceitos de vontade e de representação, os “dois lados” do mundo. Considerou-se um continuador dos princípios kantianos no tocante às conquistas do Idealismo transcendental e à diferenciação entre coisa-em-si e fenômeno. No entanto, construiu uma filosofia que, quanto a teses fundamentais, principalmente da filosofia prática, se opôs ao sistema kantiano, como se pode notar no apêndice à sua obra magna, *O mundo como vontade e representação*, intitulado *Crítica à filosofia kantiana*. Tomando o sujeito, mediante o corpo, como ponto de partida para o entendimento, Schopenhauer considera o fenômeno como representação, e a coisa-em-si, como vontade. Para Kant, a coisa-em-si é incognoscível. Para Schopenhauer, a vontade não pode ser experienciada em si mesma, pois, dada nossa limitada capacidade de entendimento e de razão, não chegaríamos à essência do mundo. No entanto, Schopenhauer postula que por meio dos sentidos podemos apreender manifestações desta essência íntima das coisas. Ou seja, através de nós mesmos podemos apenas apreendê-la como força potenciadora e imanente de cada ser que compõe o mundo. A vontade é autodiscordante, reduzindo o ser humano, apesar do intelecto, a um agente de sua força na natureza. A virada de posição do intelecto humano, considerado aqui sob a primazia da vontade, desperta em Machado o profundo interesse pela perspectiva de Schopenhauer sobre o mundo, por meio do deslocamento da própria condição intelectual do ser<sup>10</sup>. Tanto que, através disso, as con-

---

ro Afrânio Coutinho disserta acerca da assimilação que Machado de Assis fez da filosofia de Schopenhauer: “O fato é que o pessimismo fundamental de Machado sobre a natureza humana dá lugar a uma desconfiança, a uma descrença no homem, irremediável e irremovível. Esse pessimismo é baseado sobre uma filosofia da vontade” (COUTINHO, 1959, p. 29). Já Benedito Nunes afirma que, “Leitor assíduo de Pascal, e no entanto privado do consolo da religião, que recusou por um ato de probidade intelectual, restou a Machado de Assis, sem o socorro da fé cristã, a visão desventurada da existência – o pessimismo congênito que selou a sua afinidade eletiva com o de Scho-

cepções do chamado pessimismo schopenhaueriano estão ligadas à condição da supremacia da vontade sobre o intelecto humano.

A tese do sujeito como fonte do próprio querer é noção central na filosofia schopenhaueriana. Para o filósofo alemão, o impulso sexual seria a manifestação mais direta da essência da vontade. Nela se perpetuaria toda a série infinita das gerações. Schopenhauer postula que a paixão; a grandiosa atração magnética que todos os poetas se preocuparam em descrever durante os séculos, nada mais é do que a objetivação da vontade em perpetuar-se, em gerar uma nova vida. Tal é a potência que o sentimento amoroso causa à consciência humana; “todo enamorar-se, por mais etéreo que possa parecer, enraíza-se unicamente no impulso sexual, sim, é absolutamente apenas um impulso sexual mais bem determinado, mais bem especializado e mais bem individualizado no sentido rigoroso do termo” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 636). Longe de ser um problema de menor envergadura na condição humana, “é a meta final de quase todo esforço humano, exercendo influência prejudicial nos mais importantes casos, interrompe a toda hora as mais sérias preocupações” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 636); pois, a partir desta poderosa atração que descondiciona a razão e desatina o inconsciente, estará a afirmação da vida humana. Todos os desvarios de Correia estão alicerçados pelo desejo sexual, pela busca de satisfazer esta falta, manifestada pelo desejo em Maria Cora, que lhe atormenta a todo momento. Para Correia, não há mais vida sem Maria Cora. Não há sentido no existir sem a satisfação desse desejo. Qualquer movimento, qualquer atitude, para ele, é condição válida a seu ímpeto. Schopenhauer (2015, p. 660) discorre sobre a força do ímpeto da vontade:

.....  
 penhauer, a julgarmos como elemento afetivo, como modo de caráter fluido, tanto pertencente à vida quanto à obra, à biografia e à escrita, passando de uma a outra, o ódio à vida que mais de um estudioso atribuiu ao Bruxo do Cosme Velho”. (NUNES, 1993, p. 129)

“Nos graus supremos da paixão essa quimera é tão radiante que, se ela não pode ser realizada, a própria vida perde todo encanto, parecendo tão vazia de alegria, insossa e intragável que o desgosto ultrapassa os terrores da morte; por isso, às vezes, é voluntariamente abreviada”.

Sendo assim, na intelecção do sujeito, todo idílio em busca da satisfação deste desejo estonteante possui aparência de ser a satisfação de seu querer próprio e peculiar, quando é na verdade a afirmação da vontade, em sua natureza, na condição de perpetuar-se: “Por isso, em tais casos, a natureza só pode alcançar o seu fim se implantar no indivíduo uma certa *ilusão*, em virtude da qual aparece como um bem para ele mesmo o que é de fato um bem só para a espécie, de modo que ele a serve enquanto pensa servir a si mesmo” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 64I).

No entanto, a presença desse sujeito na literatura machadiana não ocorre por coincidência. Machado citou trechos do tomo dois da obra magna de Schopenhauer, especificamente o capítulo 44, intitulado *Metafísica do amor sexual*, diretamente em sua crônica “O autor de si mesmo”, publicada na *Gazeta de Notícias*, de 1895; ironizando, à sua maneira, a concepção do filósofo<sup>11</sup>.

O eu machadiano, longe da efervescência da Europa e cético à corrente positivista e evolucionista, encontra consolo na filosofia de Schopenhauer. Freud, décadas mais tarde, postularia as três feridas narcísicas do ser humano. A primeira ferida se referia às descobertas científicas que provaram que o homem não era o centro do universo. A segunda, com a ciência evolucionista, comprovara que o homem não era mais o ápice da criação. A terceira, com o avanço da filosofia do inconsciente, geradora da psicologia, projetou a força e a influência do subconsciente na con-

11 Cf. DIAS, R. O autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 382-392, dez. 2005.

dição do homem. A primazia da vontade sobre a racionalidade coloca o intelecto em posição de inferioridade em relação à que ocupava outrora. O eu da filosofia de Schopenhauer, sujeito do incessante querer, da força do mundo e dos desejos, pode – conforme nossa hipótese de pesquisa – encontrar em Correia o seu espelho. Ou seja, o sujeito não é livre e não possui a totalidade sobre si:

Em Schopenhauer, o corpo não se põe como instrumento da liberdade do eu; sendo manifestação do querer-viver, as ações do corpo não são livres, mas subordinadas ao organismo e suas necessidades, estando excluída a modificação do sensível para a realização da moralidade. Schopenhauer nega esse finalismo da Vontade em prol de uma ação livre do eu que não seja limitada pelo objeto. As ações do eu não são livres, já que o indivíduo é o sujeito do conhecimento mais o corpo (CACCIOLA, 2007, p. 145)

Isto é, o personagem demonstra em seus próprios desejos interiores a supremacia do querer sobre sua racionalidade, representando, através deste reflexo gerado na narrativa literária, o deslocamento da condição do intelecto. O narrador já não mais sabe se o que vivera de fato aconteceu ou foi somente o seu entendimento dos fatos, influenciados por seus anelos. A ironia machadiana solidifica tal visão<sup>12</sup> quando, ao final do conto, Maria Cora nega o pedido de casamento: “Compreende que eu não podia aceitar a mão do homem que, embora lealmente, matou meu marido” (ASSIS, 1906, p. 20). Correia, por fim, desiste. Atenta-se a seu relógio, e, no retorno de sua racionalidade, compara os momentos chave da narrativa:

---

<sup>12</sup> “Não se pode perder de vista que a filosofia schopenhaueriana aparece na prosa machadiana faturada sob a pena da galhofa. Se Machado era schopenhaueriano, como é comum dizer, ele o era na medida em que ironizava a filosofia de Schopenhauer de forma incessante – o que não significa colocar-se contra o pensamento do filósofo. O que ocorre é o deslocamento dos conceitos filosóficos, que deixam de ser o que eram ao saírem de seu contexto sistemático de pensamento e passam a ser algo ambíguo e bifronte ao serem reescritos com a pena da galhofa”. (SANTOS, 2015, p. 41)

Comparei-a àquela outra que me dissera antes, quando eu me propunha sair a combate, matá-lo e voltar: “Não creio que ninguém me ame com tal força”. E foi essa palavra que me levou à guerra. Maria Cora vive agora reclusa; de costume manda dizer uma missa por alma do marido, no aniversário do combate da Encruzilhada. Nunca mais a vi; e, cousa menos difícil, nunca mais esqueci de dar corda ao relógio (ASSIS, 1906, p. 20)

A marcação do tempo humano simboliza a continuidade da vida. Para o personagem machadiano, o mundo volta a seguir como se nada mau tivesse ocorrido, como se tudo fosse apenas obra de uma força imanente do ser, tudo retorna ao seu estado natural. A vontade age progressivamente, independente das razões humanas, seguindo seu curso natural. Esta é uma perspectiva crucial para o entendimento da estética machadiana, que dialoga, pela ironia, com o pensamento filosófico schopenhaueriano; tratando o desvario, a paixão e a morte como espelhos de um mundo em constante contradição.

Notamos, com isso, o artifício estilístico que é usado para representar num só homem a condição de uma humanidade inteira. A condição da arte poética, como objeto da linguagem, de transmitir a essência humana é assim definida por Aristóteles<sup>13</sup>: “a poesia tende a ser mais verdadeira e transcendente que a história, pois ‘enuncia verdades gerais’, enquanto a história discorre sobre ‘fatos particulares’” (2014, p. 28). Para Schopenhauer, o homem que mergulha no autoconhecimento está em condições de entender as manifestações desta força imanente na natureza, buscando

---

13 “É claro, também, pelo que atrás ficou dito, que a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim as coisas que podiam acontecer, possíveis pontos de vista de verossimilhança, ou da necessidade. Não é metrificar ou não que diferem a obra do historiador ou do poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com metro do que sem ele; a diferença está que um narra acontecimentos e outro fatos quais podiam acontecer. Por isso, a poesia encerra mais filosofia e elevação que a história”. (ARISTÓTELES, 2014, p. 28)

a compreensão, dentro das veleidades de seus impulsos, da manifestação da vontade universal:

Desse modo, para Schopenhauer, assim como parece ser para Machado de Assis, cada indivíduo encontra em si mesmo uma certa condição complementar do mundo. Cada homem é um microcosmo equivalente ao macrocosmo, e a própria natureza lhe dá intuitivamente este conhecimento simples e imediato. (DEBONA, 2004-2005, p. 64)

Assim, Correia mostra-se como um personagem em consonância com os preceitos schopenhauerianos. Notamos, por exemplo, que o ímpeto de seu desejo se fez através do magnetismo da atração sexual<sup>14</sup> por Maria Cora. O início de seu idílio, sob pressupostos schopenhauerianos, teria ocorrido em função da afirmação da vontade de vida que, mesmo ocasionando a morte de outrem, não deixa de afirmar a si mesma. Ou seja, o desejo do sujeito torna-se tão incontrolável em si, que, para satisfazer-se, ele não hesita em cometer o assassinato. É como se a vontade, autodiscordante e imanente em todos os seres, cravasse os dentes na própria carne. Este conceito de morte como afirmação da vontade de vida, no conto, proporciona-nos outro reflexo de como a literatura representaria esta filosofia. Ou seja, mesmo a morte sendo o destino natural de todas as coisas, a vontade discordante na essência de si não deixaria de afirmar-se: “De fato, a vontade de um define o limite da afirmação da vontade alheia, seja quando o indivíduo fere, destrói o corpo de outrem, ou ainda quando compele as forças de outrem a servirem à SUA vontade”. (SCHOPENHAUER, 2013, p. 388)

---

14 Schopenhauer diz que “Essa atração mesma pode ser vista objetivamente no recíproco olhar anelado de dois amantes: esse olhar é a mais pura expressão da Vontade de vida em sua afirmação. Como tudo é doce e terno aqui! Quer-se o bem estar, uma fruição pacífica e uma alegria suave, para si, para os outros, para todos. É o tema de Anacreonte. Por essas atrações e seduções, a vontade enreda-se na vida. Mas tão logo encontra-se na vida, o tormento leva ao crime e o crime ao tormento: horror e devastação preenchem a cena. É o tema de Ésquilo”. (2015, p. 679)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Schopenhauer fez uso recorrente da literatura universal como corroboração de seu pensamento<sup>15</sup>. Podemos considerar que a literatura, como qualquer outra manifestação artística, transporta a construção intelectual do sujeito sobre o mundo para o objeto estético. De fato, se buscarmos a compreensão dos inúmeros pontos de convergência que espelham como Machado transpôs, à sua maneira, de forma inconsciente ou consciente, esta imagem do eu, presente também na filosofia de Schopenhauer, como sujeito do querer, a aventura de Correia assemelhar-se-ia à afirmação da vontade de vida, à metafísica do amor sexual, à negação da vontade etc. No entanto, em vista de sintetizarmos este pensamento a esta argumentação, consideramos, principalmente, a construção psicológica do eu que desmorona frente aos ímpetus de seus desejos. Se, por um lado, pela ausência de material biográfico, não se pode comprovar até onde a literatura machadiana espelhou-se na metafísica da vontade, de outro lado, sabemos que Schopenhauer utilizou-se da literatura material para comprovar seu pensamento:

Se as diversas ciências naturais em *Sobre a vontade na natureza* seriam comprovações empíricas e efetivas do dogma principal desse pensamento *em termos científicos*, a literatura universal colhida nos numerosos argumentos sobre a primazia da vontade teria documentado essa mesma verdade filosófica *em termos literários*. (DEBONA, 2016, p. 121)

Por conseguinte, a partir dos princípios da filosofia schopenhaueriana, as torturas de Correia podem ser analisadas de acordo com o agir

---

15 Sobre como Schopenhauer utilizou a literatura como forma de corroborar seu pensamento, ver o artigo de Vilmar Debona: A presença da literatura nos “argumentos” de Schopenhauer a favor da primazia da vontade sobre o intelecto”, *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2016. p. 111-123. Disponível em [[http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v7-n2-2-art7-2016-pp.111-123-debona\\_vilmar.pdf](http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v7-n2-2-art7-2016-pp.111-123-debona_vilmar.pdf)]. (N.A)

da vontade sobre o intelecto. Considerando, assim, o uso que Machado fez desta filosofia, “a aproximação e o afastamento dos textos de Schopenhauer são provas do quanto Machado faz uso e desuso das diversas correntes de pensamento” (XAVIER, 2008, p. 76). Ou seja, a primazia da vontade, analisada a partir da construção desta perspectiva irônica ao eu no romance romântico, na contramão, podemos inferir, do *Sturm und Drang*, presenteia-nos com um realismo cético. Ao final do conto, após a morte e a negativa de Maria Cora, a narrativa deixa subentendida a reflexão do leitor. De que vale todo este ímpeto? Sobre isso, Schopenhauer postula, no segundo tomo de sua obra magna, ao final do capítulo intitulado *Sobre a afirmação da vontade da vida*: “Aqui, então, a coisa torna-se grave, e impõe-se ao ser humano a pergunta sobre a origem e o fim de tudo isso, e, principalmente, se a fadiga e a miséria da sua vida, se a fadiga e a miséria dos seus esforços são compensadas pelo ganho obtido. *Le jeu en vaut-il bien la chandelle*”. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 682).

Todos os desvarios e a tragédia de Correia não frutificaram; apenas deram raízes aos seus desejos. Partiram de um entendimento confuso de uma realidade ainda sob a aparência das ilusões que foram criadas por próprios anseios. A perspectiva do eu nos contos machadianos ainda necessita de maiores análises. É necessário evitar a condição anacrônica ao analisar as influências de um autor por meio de um material a que ele não obteve acesso – por mais que sua genialidade o fizesse dialogar com pensamentos vindouros. Ainda longe das ciências do século XX, Machado iluminou-se nas fontes de grandes espíritos de todas as épocas, assim como também permaneceu atento à filosofia de seu tempo. O tormento de Correia nos submete à reflexão do homem sob o primado de seus desejos, do ceticismo sombrio que fornece um passo à compreensão da perspectiva filosófica do eu em sua literatura.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Arte Poética. In: Aristóteles, Horácio, Longino. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

ASSIS, M. de. Maria Cora. In: *Relíquias de casa velha*. [Domínio Público]. Rio de Janeiro, 1906.

CACCIOLA, M. L. O “eu” em Fichte e Schopenhauer. *Dois Pontos*, Curitiba/São Carlos, v. 4, n. 1, 2007.

CANDIDO, A. Esquema Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 3ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, A. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis na literatura brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

DEBONA, V. Schopenhauer e Machado de Assis: um diálogo entre filosofia e literatura a partir de *Quincas Borba*. *Espelho*: Revista Machadiana. Pardue University: West Lafayette, USA/Porto Alegre, n. 10, 2004-2005.

\_\_\_\_\_. A presença da literatura nos “argumentos” de Schopenhauer a favor da primazia da vontade sobre o intelecto. *Revista Voluntas*: Estudos sobre Schopenhauer, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2016.

DIAS, R. M. O autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer. *Kriterion*, Belo Horizonte. v. 46, n. 112, p. 382-392, dez. 2005. Disponível em [[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2005000200020&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200020&lng=en&nrm=isso)]. Acesso em [26 jan. 2016].

MASSA, J. M. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, J. L. et.al. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MORAES, R. F. As relíquias literárias de Machado de Assis. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2010.

NASSER, S. M. G. da C. O estilo recorrente em *Relíquias de casa velha*. In: *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 1, 2010.

NUNES, B. Machado de Assis e a Filosofia. In: *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.

PIMENTEL, A. E. *A presença alemã na obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

REALE, M. *A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.

ROCHA, J. C. de C. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTOS, V. C. *A voluptuosidade do nada: O niilismo na prosa de Machado de Assis*. 2015. 301f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação I*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação II*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

XAVIER, A. da C. *Machado de Assis e Arthur Schopenhauer: Literatura e Filosofia em Quincas Borba*. 2008. 120f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.